

Descolonização e Luta pela Paz, Urgência do tempo presente



Com a presença de cerca de 50 participantes realizou-se a 23 de novembro na Casa do Alentejo o reflexão debate sobre a Descolonização e a Urgência de Lutar pela Paz. As excelentes comunicações apresentadas estão a ser reunidas e editadas para serem divulgadas pela ACR em formato a definir.

Da palestra do Prof Avelãs Nunes destaca-se - A política da potência hegemónica, os EUA, conduziu a uma Europa sem futuro enquanto ator global.

Da palestra do Major general Pezarat Correia destaca-se - A indivisibilidade da segurança (não se alcança com a escalada armamentista entre vizinhos) e ser indispensável ir ao encontro das causas da guerra para que se alcance uma paz perene se assim não for só poderemos falar de tréguas, cessar-fogo, paz circunstancial.

Da palestra do Prof Rui Pereira destaca-se - O culto da violência conduz ao fascismo e este manifesta-se numa miríade de dimensões.

Ao que precede acrescenta-se uma sintética referência às mudanças no contexto internacional

O fim da guerra Colonial ocorreu em paralelo com o fim da Guerra no Vietname. Era ainda o tempo do confronto dos EUA com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e a contenção das partes prevalecia na condução desse relacionamento. Com o desmoronar da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas os Estados Unidos da América passaram a dominar a cena internacional. A globalização económica foi acompanhada pela ação militar dos EUA/OTAN à escala global traduzida no pré posicionamento do dispositivo militar mais próximo da fronteira com a Federação Russa, se quisermos simplificar o cerco a Moscovo, para procurar a pulverização da Federação Russa e mais facilmente os EUA se apossarem dos seus imensos recursos. Está hoje evidente o enorme engano de quem assim concebeu a manobra e a Rússia cresce e participa com outros países num agregado que atrai cada vez mais nações e uma nova era está a nascer nas relações entre os Povos, chamam-lhe o mundo multipolar.

O cerco a Moscovo foi concomitante com a realização de operações militares numa miríade de destinos e diversidade de formatos. Num escasso período de 3 anos (2018 a 2020) os EUA invadiram 85 países e não foi para defender a democracia e os direitos humanos mas para controlo e rapina dos recursos dos invadidos e onde o instrumento da dívida externa é o veículo de submissão e exploração de excelência.

Os EUA nos 248 anos que levam de existência 231 foram de guerra no exterior que se revelou em 469 intervenções de diferentes topologias: operações especiais, assassinatos seletivos de líderes estrangeiros, golpes militares e invasões.

Mais de metade dessas 469 intervenções ocorreram entre 1991 e 2022 depois da queda da União Soviética e 100 dessas intervenções tiveram como alvo a África e o Médio Oriente. Em dois dos mais prolongados conflitos, (Vietname e Afeganistão) e apesar do seu imenso poderio bélico quando comparado com o dos opositores, os EUA saíram derrotados, não conseguiram derrotar a vontade de combate dos opositores o que é bem demonstrativo de que no longo prazo a razão da força (chamam-lhe *hard power*) não produz soluções duradoiras. Assim tem sido e será no Médio Oriente.

Os EUA, qual tóxico dependente, vivem da promoção da guerra e os acionistas da indústria do armamento veem os seus investimentos serem recompensados. Nos últimos cinco anos, o preço das ações da General Dynamics, da Lockheed Martin e da Northrop Grumman mais do que duplicaram. São valorizações que justificam doações de milhões de dólares a que se acrescentam, desde 10 de setembro passado, 1,5 mil milhões de dólares colocados à disposição do Governo dos EUA pela Câmara de Representantes para financiar, pelo mundo fora, “os media e a sociedade civil” na promoção da sinofobia e assim alimentar a guerra cognitiva (a guerra na mente e pela mente) através dos diversos clubes de reflexão que produzem esse exército de produtores de ideias, histórias, comentadores e opinadores que ocupam o espaço mediático.

A ferro e fogo os EUA lutam para sustar a perda da sua posição hegemónica mas, o mundo move-se e está a nascer uma nova era. A potência hegemónica está a ver a sua posição desafiada por uma diversidade de países que representam a esmagadora maioria da população mundial e ocupam um espaço territorial que em muito excede aquele que é ocupado pelos EUA. Países que já ultrapassaram o patamar da ação individual e decidem e atuam coordenadamente.

Os iludidos, se os há, que se desiludam. Nos conflitos que por aí grassam, o que está em causa é a defesa daquilo que os EUA consideram os seus interesses em comunhão com a necessidade de reciclagem do sistema capitalista para sair da estagnação que prevalece e assegurar a sua sustentabilidade, com os ricos a ficar cada vez mais ricos e os pobres a crescer aos milhões e a ficarem cada vez mais pobres. É um caminho condenado a ser recusado e superado pela imensa maioria da população do planeta e a Paz em muito facilitará essa superação.

Aqui chegados, Trump eleito, hoje como em 2019 continua viciado no petróleo e rapidamente se concertará com os interesses do complexo militar e industrial, daí que é de esperar o agravamento da situação no Médio Oriente (se Netanyahu disser "esfolo", Trump dirá "mata"), na desestabilização da Venezuela, no intensificar da sinofobia com nuvens negras a adensar-se sobre a União Europeia.

A evolução pacífica da humanidade e a defesa da nossa casa comum está nas mãos dos cidadãos do mundo. A apropriação dos resultados do trabalho por uma cada vez menor percentagem de cidadãos continuará a agudizar as tensões na sociedade, em particular nos países ditos mais desenvolvidos, e a promoção da guerra como instrumento de superação dessas tensões confronta-nos com a imprescindibilidade da luta pela Paz.

Por este tempo, o rufar dos tambores da guerra todos os dias ganha mais força e o mundo neoliberal parece ter ensandecido na ânsia de agudizar/escalar a conflitualidade colocando a humanidade no limiar da sua auto destruição. Se o que se passou e passa em Gaza e no Líbano é obsceno e merece inequívoca condenação, a União Europeia tem caminhado a passos largos para o confronto com a Federação Russa o que só poderá acarretar um grau de destruição e mortandade que rapidamente excederá os patamares registados no conflito que se travou na Europa entre 1939 e 1945.

É urgente falar de iniciativas para a Paz!

É urgente recusar a Guerra!

É preciso avisar toda a gente!

Se as forças de Abril não o fizerem, não se fará!

Paz sim, guerra não!